

A ÚNICA CERTEZA DA VIDA É QUE UM DIA
VOCÊ VAI MORRER

DAVID SHIELDS

A única certeza da
vida é que um dia
você vai morrer

TRADUÇÃO DE BEATRIZ HORTA



Copyright © 2008 by David Shields

TÍTULO ORIGINAL

The Thing About Life Is That One Day You'll Be Dead

CAPA

Chip Kidd

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Ilustrarte Design e Produção Editorial

PREPARAÇÃO

Ana Grillo

REVISÃO TÉCNICA

Ricardo Porto

REVISÃO

Antônio dos Prazeres

Umberto Figueiredo

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S558u

Shields, David, 1956-

A única certeza da vida é que um dia você vai morrer /
David Shields; tradução de Beatriz Horta. – Rio de Janeiro:
Intrínseca, 2010.

Tradução de: The Thing About Life Is That One Day
You'll Be Dead

ISBN 978-85-98078-48-9

1. Shields, David, 1956 – Família. 2. Escritores americanos
– Séc. XX – Biografia. 3. Escritores americanos – Séc. XX
– Família. 4. Pai e filho – Estados Unidos. I. Horta, Beatriz.
II. Título

09-2258.

CDD: 818

CDU: 821.111(73)-94

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua dos Oitis, 50

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel. e fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meu pai, 1910-

SUMÁRIO

Prefácio	13
----------	----

De bebê a criança

Nosso nascimento é apenas o começo de nossa morte	17
Declínio e queda (i)	25
Meninos contra meninas (i)	29
Origens	31
Paraíso, em breve, perdido	37
Notícia urgente: somos animais	41
Maternidade	45
O auge da vida, ou por que as crianças não gostam de comida muito temperada	49

Sexo e morte (i)	53
Sonho na cesta de basquete (ii)	55
Da hereditariedade à força de astro (i)	59

Adolescência

Lago Cascavel	65
Meninos contra meninas (ii)	73
Por que as leas preferem leões de pelo castanho, ou por que homens e mulheres sentem atração por vozes graves	77
Super-heróis	83
Sonho na cesta de basquete (iv e v)	91
Morrer só um pouco	97
O velho problema mente-corpo	105
Sexo e morte (ii)	109

Idade adulta e meia-idade

Declínio e queda (ii)	115
Da hereditariedade à força de astro (ii)	127
Meninos contra meninas (iii)	131
Mudanças sexuais (tudo)	133
Memento Mori	137
O problema de ser alimento	141
Tudo o que sei, aprendi com minha dor nas costas	145

Notas sobre o poço em que nadamos	153
Sexo e morte (iii)	157
Sonho na cesta de basquete (viii)	169

Velhice e morte

Declínio e queda (iii)	173
A única certeza da vida é que um dia você vai morrer	185
Meninos contra meninas (iv)	195
Crônica de uma morte anunciada	201
A morte é a mãe da beleza	211
A vida é que dá sentido à vida	215
Como viver para sempre (i)	221
Como viver para sempre (ii)	231
Últimas palavras	237
Da hereditariedade à força de astro (iii)	243
Sexo e morte (iv)	249
A história contada pela última vez, do princípio ao fim	255
Entrevistas finais	259
Notas para um tributo a meu pai	263

Que, então, isto é tudo o que significa estar vivo: estar preparado para morrer.

J. M. COETZEE

PREFÁCIO

Carta a meu pai

Vamos dar início à briga: as histórias dele contra as minhas.

Este livro é uma autobiografia do meu corpo, uma biografia do corpo de meu pai, uma anatomia de nossos dois corpos — principalmente o do meu pai, o corpo dele, seu corpo incansável.

Esta é a minha pesquisa; isto é o que sei agora: os fatos cruéis da existência, a fragilidade e a transitoriedade da vida em sua nua realidade corpórea; os seres humanos como animais desolados e divididos; a beleza e o sentimento que existem no meu corpo, no corpo dele e no de todo mundo igualmente.

Parece que estou sempre dizendo: aceite a morte.

E a resposta dele, inteiramente compreensível, é: aceite a vida.

Por que sou meio apaixonado pela morte tranquila? Acabo de fazer 51 anos. Como disse o escritor Martin Amis: “Ninguém

sabe quando vai ser, mas vai. De repente, você percebe que está passando de ‘Olá’ para ‘Tchau’. E trata-se de um emprego em tempo integral: a morte. Você realmente precisa virar com força a cabeça para olhar em outra direção, porque a morte de repente fica muito óbvia, e não era antes. Você racionalmente sabia que iria morrer, porém não era um fato concreto.” Para mim, o fato de ser pai de uma garota de 14 anos irritantemente cheia de vida só amplia essa ideia. Não sou mais atlético (minha coluna está péssima mesmo — toco nesse assunto depois). Natalie é atlética. Este ano, depois de um jogo de futebol, o pai de uma das jogadoras do time adversário chegou para ela e recomendou: “Profissionalize-se.”

Por que, aos 97 anos, meu pai é tão dedicado à longevidade em si, à simples sobrevivência? Para mim, ele é obstinado e loucamente ativo e interessante, mas não quero idealizá-lo. Ele é a força da vida como máquina de vida — exaustiva, mas que não se exaure. Descansar em paz? Difícil imaginar isso.

Mark Harris, tentando explicar por que achava Saul Bellow melhor que qualquer outro escritor entre seus contemporâneos, disse que Bellow era simplesmente mais vivo que todos; meu pai tem um pouco disso. Dizem que o escritor D. H. Lawrence viveu arriscando a própria pele. Meu pai também é assim: fico insistindo para que se proteja, e ele se recusa.

Pareço ter uma necessidade edipiana de enterrar meu pai numa pilha de dados fúnebres. Por que quero vestir uma mortalha nele antes da hora? Ele é forte e é fraco; eu o amo e o detesto; quero que viva eternamente e que morra amanhã.

DE BEBÊ A CRIANÇA

NOSSO NASCIMENTO É APENAS O COMEÇO DE NOSSA MORTE

Um feto não fica passivo no ventre da mãe à espera de ser alimentado. A placenta espalha agressivamente vasos sanguíneos que invadem os tecidos maternos para extrair nutrientes. A mãe e o filho por nascer lutam inconscientemente pelos nutrientes que ela fornece. Como diz o biólogo evolucionista David Haig, a gravidez é um cabo de guerra: cada um puxa com força para um lado, e, no meio, a corda mal se mexe. A vida é uma batalha.

Os seres humanos existem há 250 mil anos, durante os quais 90 bilhões de pessoas viveram e morreram. Você é um dos 6 bilhões e 500 milhões de habitantes do planeta e 99,9% dos seus genes são iguais aos dos outros humanos. A diferença está no 0,1% restante: um nucleotídeo em cada mil.

Nascemos com 350 ossos (longos, curtos, lisos ou irregulares), os quais, à medida que crescemos, fundem-se até somar

206 ossos, no homem adulto. Cerca de 70% do nosso peso é constituído de água — quase a mesma percentagem da superfície da Terra que é coberta por água.

O recém-nascido, com média de 120 batimentos cardíacos por minuto, passa de um ambiente confortável, líquido, para um lugar frio e cheio de ar por meio do ato de respirar, com uma sucção 50 vezes mais forte que a média da respiração adulta. Nasci de um parto pélvico, cujo perigo está no fato de a cabeça (no caso, a minha) sair por último, o que aumenta muito a chance de o cordão umbilical enroscar no pescoço da criança (no caso, o meu). Entrei no mundo com os pés; depois fiquei na maternidade uma semana a mais, para descansar, relaxar e recobrar-me um pouco numa incubadora aquecida que meu pai defendia como um leão a cada vez que alguém se aproximava. Se eu ficasse parado por alguns minutos, ele batia no vidro da incubadora. Eu não tinha morrido, pai. Estava só dormindo. A vida toda fingi procurar um lugar frio e cheio de ar (perigo), mas queria mesmo era aquele ambiente confortável e cheio de líquido (segurança).

Lembro que minha mãe certa vez me elogiou por eu não ter entrado num parquinho que estava com o portão fechado e que meu pai ficou desapontado por eu não ter pulado a cerca. Como receptor de futebol americano, eu corria em zigue-zague e ficava livre no meio do campo, movimentando as mãos, pedindo a bola. Nunca a deixei cair durante um passe, mas quando era atingido por um marcador, geralmente perdia a posse de bola. Fui o melhor jogador de softbol do bairro, mas, à medida que envelhecemos, passamos a fazer os lançamentos por cima da cabeça, com bola rápida, e comecei a “amarelar”. Para ganhar base numa bola rasteira, eu sempre diminuía a velocidade para que o arremesso para a primeira base chegasse antes de mim, e assim eu evitava ser atingido na cabeça por uma bola descontro-

lado. Rebatendo, eu tinha medo de ser atingido por um arremesso; defendendo, temia quiques estranhos no chão pedregoso; eu conseguia correr 91 metros em 10,8 segundos, mas como tinha pernas compridas e o treinador insistia para que eu corresse provas de obstáculos, eu hesitava antes de cada obstáculo para ter certeza de que ia passá-lo, e acabava em último. Nunca aprendi a mergulhar de cabeça na piscina — pulava em pé. O instrutor de natação me puxava para a beira, colocava minhas pernas e meus braços na posição de mergulho, me segurava no ar por um segundo e me jogava na água. No último instante, eu virava o rosto e a água batia em mim como um colchão de agulhas elétricas. De que eu tinha medo? Por que sempre temia me machucar?

No *Bhagavad Gita*, o corpo humano é descrito como uma ferida com nove buracos.

Um recém-nascido não é, realmente, nenhuma beleza. Não tem os preenchimentos das bochechas. O maxilar não tem dentes para apoiar. O cabelo, quando existe, costuma ser tão fino que o bebê (sobretudo os caucasianos) parece careca. Um material mole (chamado *verniz caseoso*) cobre o corpo, protegendo a pele, que é avermelhada, oleosa e muito enrugada. O inchaço causado pela pressão sofrida na passagem pelo canal de nascimento pode deformar temporariamente o nariz, fazer um dos olhos — ou ambos — inchar ou deixar a cabeça estranhamente alongada. O esqueleto está incompleto: em determinados lugares, os ossos ainda não se juntaram bem, deixando o cérebro coberto apenas por um tecido macio. A genitália externa de ambos os sexos é desproporcionalmente maior, devido ao estímulo dos hormônios maternos. Pelo mesmo motivo, os seios do bebê podem ser um pouco maiores e secretar um líquido chamado “leite de bruxa”. As íris são azul-claras; a cor real dos olhos só se definirá mais tarde. A cabeça é bem grande em relação ao corpo, e o pescoço não consegue sustentá-la; já as nádegas são bem pequenas.

Um bebê médio pesa 3 quilos e tem 50 centímetros de altura. Os recém-nascidos perdem de 5% a 8% do peso nos primeiros dias, devido, principalmente, à perda líquida. Nas primeiras 24 horas de vida, têm pouca audição, até que o ar entre nas trompas de Eustáquio. Eles sentem falta do ventre materno e reagem a qualquer estímulo. Chupam tudo o que é colocado na boca ou perto dela. Os olhos vagueiam e ficam estrábicos. A temperatura do corpo é variável e a respiração costuma ser irregular.

Com 1 mês, o bebê consegue mexer de leve a cabeça e flexionar braços e pernas. Aos 2 meses, pode olhar bem para a frente, quando deitado de costas. Posto de bruços, consegue levantar a cabeça aproximadamente 45 graus. Aos 3 meses, os músculos do pescoço têm força suficiente para apoiar a cabeça durante um ou dois segundos.

Os bebês nascem com 25% do cérebro que terão quando adultos porque o mecanismo para andar ereto exige redução no tamanho da pelve da mãe; o canal por onde o bebê nasce não pode aumentar. Rapidamente, o cérebro compensa o aperto inicial e com 1 ano de idade tem 75% do tamanho que terá na idade adulta.

Os bebês ouvem até 40 mil hertz, e podem piscar com um assovio para chamar cachorro que os adultos nem sequer notam, por não registrarem sons acima de 20 mil hertz. Os ouvidos dos bebês contêm células ciliadas sensoriais que transformam a energia líquida dentro da cóclea em sinais elétricos que podem ser captados por células nervosas. Esses sinais elétricos são levados para o cérebro e permitem que o bebê escute. Na puberdade, as células ciliadas começam a sumir, reduzindo a capacidade auditiva em determinadas frequências sonoras; os tons mais agudos são os primeiros a sumir.

As mãos de um recém-nascido costumam ficar fechadas, mas se a região entre o polegar e o indicador for tocada por qualquer pessoa ou coisa, a mão agarra e segura com força suficiente para

aguentar o peso do bebê, se pegar com as duas mãos. Esse “reflexo de segurar” inato não tem nenhuma finalidade no bebê humano, mas era fundamental na última fase de evolução pré-humana, quando o bebê animal precisava se agarrar aos pelos da mãe.

Meu pai me lembra que, segundo o *Midrash* (o tratado em constante evolução sobre as escrituras hebraicas), chegamos ao mundo de mãos fechadas, como se quiséssemos dizer: “É tudo meu. Vou ficar com tudo.” E quando vamos embora, abrimos as mãos, como se disséssemos: “O mundo não me deu nada.”

Se um bebê cai, a habitual postura curvada é imediatamente modificada: as quatro extremidades são esticadas. O “reflexo do susto” ou “reflexo do abraço” talvez tenha servido para ajudar a mãe símia a pegar o bebê se ele caísse, fazendo com que abrisse o corpo ao máximo.

Chorei quando Natalie nasceu, mas minha esposa, Laurie, não — estava ocupada demais. Num momento, estávamos no quarto da maternidade, de mãos dadas, lendo revistas, e, logo após, Laurie olhou para mim com uma seriedade autoritária que eu nunca antes tinha visto e disse: “Largue essa revista.” Natalie apareceu, estalando os lábios, e pedi que a enfermeira garantisse que aquilo não era sinal de diabetes (tinha lido muitos manuais de futuros pais). Jurei que nunca mais pensaria em nada simples, idiota ou egoísta, e essa exaltação passou, mas, mesmo assim...

Os índios Kogi acreditam que quando o bebê começa a viver ele só conhece três coisas: mãe, noite e água.

Francis Thompson escreveu: “Nascemos na dor de outra pessoa/ E morremos em nossa própria dor.” Segundo Edward Young: “Nosso nascimento é apenas o começo da nossa morte.” Francis Bacon disse: “Será que ainda devíamos chorar/ não para nascer, ou ao nascer, mas para morrer?” A primeira frase do *Fala, memória*, de Vladimir Nabokov, é: “O berço balança sobre

um abismo, e o bom-senso diz que nossa vida não passa de uma breve faísca entre duas trevas eternas.”

A tênue separação entre existência e não existência é muito comentada, mas pouco discutida. Em 1919, aos 9 anos, meu pai e os amigos atravessavam os trilhos do trem, no Brooklyn, quando meu pai, o último da fila, parou no terceiro trilho, transformando-se, assim, de uma criança feliz, na vertical, em um condutor de corrente elétrica, na horizontal. O trem veio estrondando na direção de Milton Shildcrout que, caído sobre o trilho, nada podia fazer para não ser eletrocutado. (Quando perguntei a ele por que mudou o sobrenome, respondeu que, durante a Segunda Guerra Mundial, o sargento “não conseguia ler no boletim diário do acampamento palavras com mais de duas sílabas, nem pronunciar direito o que chamou de ‘aqueles malditos nomes nova-iorquinos’. E o sargento acrescentou, no seu carregado sotaque sulista: ‘Cabo, esse seu sobrenome é tão grande que não vai caber na lápide, se você pisar uma das minas do Tojo, quando chegarmos além-mar. Deveria diminuir para alguma coisa que um adulto como eu consiga pronunciar. A partir de agora, vou chamar você de Shieldsy.’ Algumas semanas depois, o sargento Hill abreviou para Shields. E assim foi nos 36 meses em que estive na Divisão 164. Acostumei com Shields, e quando voltei da guerra, mudei o sobrenome”.)

Hoje eu não estaria digitando esta frase se alguém chamado Big Abe, um lutador de 17 anos que usava camisetas pretas e chapéu roxos, não tivesse enfiado um galho comprido entre o pequeno Milt galvanizado e o terceiro trilho, jogando-o para cima, segundos antes de o trem passar. Meu pai queimou os cotovelos e os joelhos, e ao chegar o verão ficou quase um cadáver quando a pele avermelhou, ficou rosa, depois, preta, e descascou até o osso aparecer. As unhas dos pés e das mãos caíram e os poucos pelos que Miltie tinha no corpo sumiram, até ele

próprio quase sumir. Meu avô processou a Estrada de Ferro Long Island em 100 dólares, o que supostamente pagou (nem mais, nem menos) as visitas semanais do médico para o controle da infecção.